



O CAIPIRA REPRESENTADO EM JECA TATU E ZÉ BRASIL: VISÃO E OPINIÃO EM MONTEIRO LOBATO*

Marceli Nunes de Souza

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

RESUMO

Objetiva-se, por meio deste trabalho, o estudo de quatro textos da literatura brasileira do século XX, escritos por Monteiro Lobato, para uma análise sobre a visão do autor acerca do caipira brasileiro: “Velha praga”, “Urupês”, “Jeca Tatuzinho”² e “Zé Brasil”. Comparando-os, vemos que todos eles representam a vida simples e sofrida do caipira brasileiro, com uma crítica acirrada ao subdesenvolvimento no primeiro texto; uma tentativa de compreensão mais profunda do problema enfrentado pelo personagem no segundo e no quarto textos, e a intenção de ensinar higiene e saneamento às crianças no terceiro texto. Como resultado deste trabalho, pretendemos demonstrar que as divergências entre as publicações selecionadas mostram mudanças de pensamento do autor frente ao sofrimento de um povo que não tem a propriedade da terra nem acesso a uma moradia digna. Como suporte a esta análise, recorreremos a autores como Lajolo, Azevedo, Camargos e Sacchetta, Massaud Moisés, entre outros autores. Em um momento em que muitos autores e monumentos do passado são reavaliados, muitas vezes de forma anacrônica, buscamos ressaltar, com este artigo, a importância e a contemporaneidade de Monteiro Lobato na literatura brasileira.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Monteiro Lobato, Urupês; Jeca Tatu; Caipira.

ABSTRACT

This research aims to study four texts of the 20th century Brazilian literature, written by Monteiro Lobato, in order to analyze the Brazilian bumpkin's view: “Velha praga”, “Urupês”, “Jeca Tatuzinho” and “Zé Brasil”. By comparing the four texts, we see that they all represent the simple and suffering life of the Brazilian bumpkins, with a tough criticism of underdevelopment in the first text; an attempt of a deeper understanding of the problem faced by the character in the second and fourth texts, and the intention of teach children hygiene and sanitation in the third text. As a result of this work, it is intended to demonstrate that the divergences among the four selected texts show changes in the author's thinking in the face of the suffering of that people who do neither have the land ownership, or access to decent housing. To support this analysis, we use works of Resende, Lajolo, Azevedo, Camargos and Sacchetta, Massaud Moisés, among other authors. At a time when many authors and monuments of the past are reassessed, often anachronistically, we seek to emphasize, with this article, the importance and contemporaneity of Monteiro Lobato in Brazilian literature.

Keywords: Brazilian Literature; Monteiro Lobato; Urupês; Jeca Tatu; Zé Brasil; Bumpkin.

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/MEC – Brasil. Agradeço ao prof. Dr. José Alonso Tórres Freire pela orientação deste trabalho e ao Prof. José Osvaldo Sampaio Bueno pelo auxílio na escrita do *abstract*.

¹ Sobre as publicações; “Velha praga” e “Urupês”, os mesmos encontram-se em: LOBATO, Monteiro. **Contos Completos**. 1ª ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.il.

² O mesmo encontra-se devidamente referenciado em: LOBATO, José Bento Monteiro. **Jeca Tatuzinho**. Disponível em: <http://historianovest.blogspot.com/2010/11/monteiro-lobato-jeca-tatuzinho.html>. Acesso em: 13 nov. 2019.



Marceli Nunes de Souza é acadêmica do curso de Letras, habilitação em Português/Inglês da UFMS.

E-mail: marceli.ns2017@gmail.com

INTRODUÇÃO

Monteiro Lobato (1882-1948) foi um intelectual que não se furtou a participar de polêmicas e houve várias a partir de suas obras, inclusive no presente, algumas vezes com uma visão anacrônica do autor³. Muitas críticas também desconsideraram seu contexto de formação e de produção, isolando trechos de livros e ignorando outros textos que poderiam mostrar as mudanças de opinião ao longo do tempo.

Levando em conta esses aspectos, buscamos analisar, por meio de estudo comparativo, quatro textos sobre a visão do caipira brasileiro na obra de Monteiro Lobato: “Velha praga” (1914 apud LOBATO, 2014), “Urupês⁴” (1918 apud LOBATO, 2014), “Jeca Tatuzinho” (1924) e “Zé Brasil” (1947).

Comparando-os, vemos que todos eles representam a vida simplória e sofrida do caipira brasileiro, com uma crítica acirrada ao atraso econômico de boa parte da população rural brasileira. O primeiro texto é uma tentativa de compreensão mais profunda do problema enfrentado pelo personagem; no segundo, aparece a figura do Jeca Tatu, que representa toda a miséria, atraso econômico e descaso do governo com a população rural do Brasil. No terceiro texto, figura a personagem do Jeca Tatuzinho, mostrado como alguém que não é preguiçoso, mas sim, doente.

No último texto, como veremos melhor mais adiante, Monteiro Lobato utiliza-se de uma linguagem simples para fazer severas críticas à exploração sofrida pelos trabalhadores rurais pelos arrendatários, sujeitando-se às condições impostas pelos latifundiários. Em especial, no terceiro texto, Monteiro Lobato deixa clara a compreensão e amadurecimento político dele sobre a questão agrária no Brasil. Mais tarde, em 1947, o escritor iria também rever a figura do Jeca Tatu e transformá-lo em Zé Brasil, demonstrando que mudara de opinião a respeito dos arrendatários.

Para a consecução dos objetivos deste artigo, recorreremos a autores como Mata (2011), que discute as implicações do conceito de representação, e a estudiosos da obra de Monteiro Lobato, tais como Zöler (2019), Penteado (2011) e Marisa Lajolo (2006; 2019), entre outras referências.

1 UM PERCURSO DE MUDANÇA

Sobre a representação, Mata (2011, p. 117) explica que ela é como uma “[...] apropriação do real, plasmada por uma linguagem que visa a comunicar um conteúdo recortado desse real, [...] que quando recria personagens, acaba por recriar [...] a Língua dos indivíduos, falando em seus nomes”. No entanto, o autor ficcional fala de determinado lugar e perspectiva, o que tem consequências, pois as representações extrapolam o texto e o próprio campo literário (cf. MATA, 2011, p. 20). É sobre essa noção problemática da representação, sobre essa voz do indivíduo que aparece no texto literário que buscamos construir a nossa linha de raciocínio na análise

³ Sobre o anacronismo nos estudos literários, Roncari (2002, p. 62) afirma que um dos grandes erros dos estudos literários é “[...] transportar preocupações e graus de consciência de uma época avançada para homens de tempos passados”. O autor se refere a isso ao falar sobre Anchieta, mas bem pode ser associado a Monteiro Lobato, pois, quando encontramos críticas

sobre sua obra, em geral não se menciona que ele nasceu em 1882, além de suas mudanças de opinião ao longo de sua obra, como buscamos demonstrar aqui.

⁴ Expressão usada pela mãe de Monteiro Lobato para designar cogumelos parasitários que nascem em madeiras podres (cf. ZÖLER, 2019, p. 38).



dos textos de Monteiro Lobato. Nos selecionados, vemos personagens que até aí praticamente não tinham voz, como, por exemplo, Zeca Tatu e, posteriormente, Zé Brasil, como veremos mais adiante.

Contudo, essa virtual invisibilidade deixa de existir quando, no ano de 1914, é escrito e publicado em jornal, a partir da experiência do autor como fazendeiro, o texto “Velha praga” em forma de manifesto e repúdio por parte de Monteiro Lobato, que não se conformava com a maneira de tratamento da terra, sofrendo constantemente com os incêndios causados pelos “piolhos da terra”, segundo ele.

Junto a esse descontentamento com que ele pensava ser a ignorância do homem do campo, ele enfatiza também a preocupação dos brasileiros com os imigrantes alemães, como se vê em: “ANDAM TODOS EM NOSSA TERRA por tal forma estonteados com as proezas infernais dos belacíssimos ‘vons’ alemães, que não sobram olhos para enxergar males caseiros” (LOBATO, 1914, p. 163; trecho em maiúsculas no original). Em certo momento, Lobato comenta o incêndio na Mantiqueira: “a serra da Mantiqueira ardeu como ardem aldeias na Europa, e é hoje um cinzeiro imenso, entremeado aqui e acolá de manchas de verdura [...]” (LOBATO, 1914, p.163). Na visão de Monteiro Lobato, o fogo que ardia aqui era mais importante de ser observado e discutido do que o que fazia arder a Europa naquele momento, envolvida em guerra.

Quando explode a I Guerra Mundial em 1914, Lobato está completando três anos de fazendeiro e seus rendimentos ainda eram poucos pelo trabalho que tinha no campo. Ele começa a ter problemas com os “agregados” do lugar, que não conseguem perceber que destroem a terra que os alimenta. Esse período da vida de Lobato lembra-nos do percurso do personagem de Lima Barreto, Policarpo

Quaresma⁵, quando este foi passar um período no campo para se recuperar ao sair do manicômio, devido ao fato de ter escrito e enviado um documento a um oficial, em Tupi. No caso de Lobato, ele começa a ter problemas com os “agregados” do lugar, que não conseguem perceber que destroem a mesma terra que cultivam ao recorrerem às queimadas.

Lobato falava de sustentabilidade muito antes que esse termo se tornasse “moda” atualmente e ser popularizado pelos meios de comunicação. Em *Monteiro Lobato Furacão na Botocúndia* (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p. 56), os autores relatam que “na convivência diária com os caboclos espanta-se como desrespeitam a natureza que os alimenta, abriga, e sustenta”, ou seja, Lobato possuía uma visão que hoje diríamos ecológica. Nesse sentido, o escritor escreve um artigo com o título “Velha praga” (LOBATO, 2014, p. 163-168), no qual faz duras críticas ao fato de se olhar muito para fora do país e dar pouca importância aos problemas e à falta de conservação das matas. Esse fato também nos faz perceber a semelhança com o discurso de Policarpo Quaresma, o personagem de Lima Barreto citado antes, que defendia a valorização e o investimento nas pessoas da terra.

Lobato tece sérias críticas sobre a permissividade do governo, ao se manter inerte frente à devastação de áreas como o Vale do Paraíba. Ele escreve um violento protesto, que é publicado no corpo principal do jornal “O Estado de S. Paulo” sob o título “Velha praga”. Com a repercussão do texto, ele escreve o artigo “Urupês” (LOBATO, 2014, p. 169-180), em 23 de dezembro de 1914, “dando vida à personagem-símbolo, não só de sua obra, mas de toda uma fase da literatura brasileira: Jeca Tatu” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p. 58).

⁵ BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. 17. ed. São Paulo: Ática, [s.d.]. (Bom Livro).



Essa personagem, que povoava somente seu imaginário, agora personifica a visão que ele tem do caboclo, segundo o autor um ser desprovido de força de vontade e de senso estético, feio e grotesco. Em “Urupês” Lobato acentua a ignorância e a preguiça do habitante do interior, caracterizando-o como uma espécie de sacerdote da “Grande Lei do Menor Esforço” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p. 58). Segundo a visão do escritor, esse sacerdócio fazia o povo da época utilizar os recursos que a terra dava, sem gastar energia para alcançar qualquer objetivo maior na vida.

Ao descrever o Jeca Tatu (LOBATO, 2014, p. 169), embora com uma visão extremamente negativa, Monteiro Lobato quebra a visão romântica construída pelo Indianismo de um José de Alencar, por exemplo, com os “Peris” e “Ubirajaras” encarnando a figura do “bom selvagem”, configurados com orgulho indomável, fidalguia e coragem. Cabe aqui um breve trecho para ilustrar essa associação entre o indianismo e o caboclo, como se vê abaixo:

O indianismo está de novo a deitar copa, de nome mudado. Crismou-se de “caboclisto”. O cocar de penas de arara passou a chapéu de palha rebatido à testa; a ocará virou rancho de sapé; o tacape afilou, criou gatilho, deitou ouvido e é hoje espingarda trouxada; o boré descaiu lamentavelmente para pio de inambu; a tanga ascendeu a camisa aberta ao peito (LOBATO, 2014, p. 170).

A passagem de Monteiro Lobato na fazenda da família, convivendo com as peculiaridades do lugar, foi o momento em que houve a ruptura dessa visão do homem romantizado que vive no campo, cuja perspectiva representa na construção do Jeca Tatu. Para o escritor, personagens como Peri são fruto da imaginação de escritores que nunca pisaram no campo, por isso possuíam uma visão equivocada e errônea do habitante daquele espaço do país.

A grande repercussão de seus artigos “Urupês” e “Velha Praga” pelo país gerou

enorme polêmica. Fato é que muitos escritores que se sentiram ofendidos pela visão construída por Lobato tentaram criar personagens do campo para contrapor-se a ele (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p. 61). Assim, percebemos que ele deu certo incentivo indireto à literatura alheia, conseguindo fomentar novas criações, mesmo sem ter esse objetivo.

Em suma, Monteiro Lobato tornou-se uma figura conhecida no meio da imprensa como um polemista, pois seus artigos abordavam problemas nacionais importantes, estimulando debates acerca da realidade brasileira que muitos insistiam em ignorar.

Por outro lado, a importância que se dava aos acontecimentos na Europa revoltava Lobato, pois enquanto isso os problemas internos do Brasil eram deixados de lado e ele deixa esse aspecto bem claro no trecho a seguir:

“preocupa à nossa gente civilizada o conhecer enquanto fica na Europa por dia, em francos e cêntimos, um soldado em guerra; mas ninguém cuida de calcular os prejuízos de toda sorte advindos de uma assombrosa queimada destas” (MONTEIRO LOBATO, 1914, p. 164).

Em seu texto, o escritor se preocupa com os prejuízos que estava sofrendo por consequência das queimadas e da destruição das matas. O autor também critica a falta de visão dos agregados, bem como dos fazendeiros, que perdiam as riquezas da fauna e flora por conta das queimadas (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p. 56). Ele sabia que estas, em grande parte, eram, sim, causadas pelos caboclos, contudo, feitas mediante ordens recebidas dos fazendeiros, que sabiam que dificilmente alguém poderia apontar os culpados. É importante ressaltar que fatos assim acontecem até hoje, com os responsáveis sabendo que é quase impossível descobrir os culpados.



O que ninguém esperava era que Monteiro Lobato, nesse momento, apontasse os culpados pelos incêndios e pelo descuido com a terra: “qual a causa da renitente calamidade? A nossa montanha é vítima de um parasita, um piolho da terra [...]” (LOBATO, 1914, p. 164). Aqui, há a representação da personagem vista de uma maneira depreciativa, recortada do real, pois a visão mantida pelo autor do texto é superficial. Ele ainda não tem conhecimento da causa, da situação em que vive a personagem (caipira), que por ele é representada de forma tão superficial e preconceituosa. Conforme o autor, esse “funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças” (LOBATO, 1914, p. 165). No entanto, essa inadaptação não ocorre por vontade do caboclo, mas pela situação econômica e social em que ele se encontra, como o próprio Lobato descobriria depois.

Foi então que, em meio à vida no campo, começou a gestar ideias e projetos novos, tanto é que parece ter sido nesse período que ele vislumbra a figura do “caboclo” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p. 54), a qual ele escreve para o amigo Rangel contando sobre a teoria do caboclo como o piolho da terra: “porrigo decalvans das terras virgens?” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p. 54). Nessa mesma carta, ele descreve sua primeira visão que tem sobre o caboclo. Ele o caracteriza como sendo um ser baldio e desprezível, um sujeito inadaptável à terra, que só serve para prejudicá-la. O escritor o descreve como um ser inadaptável à civilização, como se ele tivesse escolhido a condição em que se encontra:

“Já te expus a minha teoria do caboclo, como piolho da terra, o *Porrigo decalvans* das terras virgens? Ando a pensar em coisas com base nesta teoria, um livro profundamente nacional, sem laivos nem sequer remotos de qualquer influência europeia”. Lobato pensa

em contemplar, no trabalho planejado, a figura do caipira. “Um feto que já me dá pontapés no útero é a simbiose do caboclo e da terra, o caboclo considerado o mata-pau da terra, constritor e parasitário, o aliado do sapé e da samambaia, um homem baldio, inadaptável à civilização [...]” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p. 54).

Merece destaque na citação a seguir o fato de que, por mais que se critique a situação de parasita do caboclo, ele não tem ganho com suas ações, ele entra e sai com as mesmas bagagens, tanto material como cultural: “é de vê-lo surgir a um sítio novo para nele armar a sua arapuca de ‘agregado’ [...] feito o que, salta para diante com a mesma bagagem com que ali chegou” (LOBATO, 1914, p. 165). De acordo com o autor, o caboclo era desprovido de dignidade, pois não havia consideração para com ele, fato explicitado na fala: “curioso esse preceito: “ao caboclo, toca-se”, como se toca um cachorro importuno” (LOBATO, 1914, p. 167). De certa forma, nesse mesmo trecho já se vê que o caboclo é um mero coadjuvante no drama das queimadas.

No segundo texto, “Urupês”, publicado originalmente em 1918, a exemplo do que vimos no texto anterior, Lobato expressa que amargava prejuízos em sua fazenda, vinha tendo problemas com seus agregados e estava cansado com as constantes queimadas causadas pelos caboclos. Ele faz uma crítica à idealização do passado:

Esboroou-se o balsâmico indianismo de Alencar ao advento dos Rondons que, ao invés de imaginarem índios num gabinete, com reminiscências de Chateaubriand na cabeça e Iracema aberta sobre os joelhos, metem-se a palmilhar sertões de Winchester em punho (LOBATO, 1914, p. 169).

No texto em questão, o escritor contrapõe novamente a ideia de índio idealizado na figura de Peri, de Alencar: “morreu Peri, incomparável idealização dum homem natural como o sonhava Rousseau, protótipo de tantas



perfeições humanas que no romance, ombro a ombro com altos tipos civilizados, a todos sobreleve em beleza de alma e corpo” (LOBATO, 1914, p. 169).

Contrapondo-se a essa visão dos românticos, o caboclo de Monteiro Lobato não era em nada idealizado, mas, ao contrário, trazia suas características negativas enfatizadas, tendo como símbolo máximo o personagem Jeca Tatu: “contrapôs-lhe a cruel etnologia dos sertanistas modernos um selvagem real, feio e brutesco, anguloso e desinteressante, tão incapaz, muscularmente, de arrancar uma palmeira, como incapaz, moralmente, de amar Ceci” (LOBATO, 1914, p. 169).

Lançado em 1924, Jeca Tatuzinho veio ensinar noções de higiene e saneamento às crianças, por meio desse personagem-símbolo criado por Monteiro Lobato. O texto se inicia com a seguinte frase: “Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia e de vários filhinhos pálidos e tristes” (LOBATO, 1924). Mais uma vez, podemos perceber a imagem triste e deprimente criada por Monteiro Lobato para descrever o Jeca Tatu. Observamos ainda que o homem do campo, na visão de Lobato, é um ser totalmente desprovido de alegria e de esperança, simplesmente sobrevivendo às intempéries da vida. Essa personagem teve o propósito de divulgar os produtos de seu amigo farmacêutico Cândido Fontoura e do laboratório Fontoura Serpe & Cia, em especial do Biotônico (ZÖLER, 2019, p. 123):

Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha ideia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto corria um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo (LOBATO, 1924).

A visão que todos tinham sobre Jeca era demasiada desanimadora, como se vê a seguir:

“Jeca só queria beber pinga e espichar-se ao sol, no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente, cochilando. A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caísse. Jeca não queria saber de nada. Trabalhar não era com ele” (LOBATO, 1924).

Para piorar a situação de Jeca, ele era a todo momento comparado com seu vizinho italiano, que trabalhava duro sem parar: “perto morava um italiano já bastante arranjado, mas que ainda assim trabalhava o dia inteiro. Por que Jeca não fazia o mesmo?” (LOBATO, 1924). Aqui percebemos como era valorizado o trabalho dos estrangeiros, como o governo incentivava a permanência dos imigrantes em terras brasileiras e desvalorizava os que aqui moravam, não lhes dando condições de plantio, colheita e de viver com dignidade em suas terras.

Nas leituras observamos que Jeca não era assim, pois os motivos aparecem no decorrer do texto. Entre eles, podemos enfatizar a visita, por acaso, de um médico, e a questão da saúde aparece no enredo, que, na visão de Lobato, é a solução dos problemas do Jeca. Entendemos aqui, mais uma vez, que a resposta para as mazelas do homem do campo vem de fora, por meio de terceiros. Ou seja, na visão lobateana, o Jeca não é vadio, ele está doente. Percebemos então, que em nenhum momento, a solução dos problemas do homem rural poderia ser resolvida por ele somente, sendo sempre necessária uma ajuda externa:

Um dia um doutor portou lá por causa da chuva e espantou-se de tanta miséria. Vendo o caboclo tão amarelo e magro, resolveu examiná-lo.

- Amigo Jeca, o que você tem é doença.
- Pode ser. Sinto uma cansaça sem fim, e dor de cabeça, e uma pontada aqui no peito, que responde na cacunda.
- Isso mesmo. Você sofre de ancilostomíase.
- Anci... o que?



- Sofre de amarelão, entende? Uma doença que muitos confundem com a maleita.

- Essa tal maleita não é sezão?

- Isso mesmo. Maleita, sezão, febre palustre ou febre intermitente: tudo a mesma coisa.

A sezão também produz anemia, moleza e esse desânimo do amarelão; mas é diferente. Conhece-se a maleita pelo arrepio ou calafrio que dá, pois é uma febre que vem sempre em horas certas e com muito suor. Quem sofre de sezão sara com o MALEITOSAN FONTOURA. Quem sofre de amarelão sara com a ANKILOSTOMINA FONTOURA. Eu vou curar você (LOBATO, 1924).

O médico dá o diagnóstico e a solução dos problemas. Ele aparece no texto como o salvador da personagem, aquele que resolve todos os problemas. Logo, como em um passe de mágica, o Jeca deixa seus maus hábitos e passa a viver igual ou melhor que seu vizinho. A vida de Jeca muda radicalmente, ele se cura, volta a trabalhar, reduz a bebida, sua pequena plantação prospera e o trabalhador se torna um homem honrado pelas outras pessoas. A “Família Tatu” agora só anda calçada e, portanto, saudável (LOBATO, 1924). É assim que Monteiro Lobato denuncia a precária situação do trabalhador rural, revelando que medidas simples poderiam transformar este cenário sombrio. Mal ele sabia que essa situação dos trabalhadores rurais não mudaria com o tempo, pois ainda podemos observar que há esse descaso com grande parte dos trabalhadores rurais no Brasil de hoje.

Por conta de suas ideias revolucionárias e de crescimento econômico do Brasil, Lobato defende a ideia de que o Brasil tem grande potencial na produção do petróleo e isso faz com que crie inimidade com o então presidente Getúlio Vargas e com vários empresários ao publicar diversos livros falando da produção petrolífera no Brasil. O escritor chega a ser preso por duas vezes por defender tal pensamento, é perseguido pela ditadura e se aproxima dos comunistas. Pouco antes dessa indisposição com o governo Vargas, Lobato, na

gestão de Eurico Gaspar Dutra, escreve seu último livro, *Zé Brasil* (1947), lançado em folhetim por uma editora do Rio de Janeiro. O personagem de Jeca Tatu é reelaborado, metamorfoseado não mais como Jeca Tatu, mas, sim, como Zé Brasil (LOBATO, 1947).

Monteiro Lobato conclui que, na situação política da metade do século XX, seria inútil tratar o Jeca com a campanha sanitária, como foi tratado anteriormente no artigo comentado antes. Ele atesta que “sobre a miséria infinita desses desgraçados está acorado a nossa civilização = o sistema de parasitismo que come, veste-se, mora e traz a cabeça sob a asa para evitar o conhecimento da realidade” (LOBATO, 1947). Essa visão expressa que Jeca é avesso à civilização e que seu inimigo maior são os coronéis Tatuíras:

Eu era 'agregado' lá (na fazenda) e ia labutando na grota. Certo ano tudo ocorreu bem e as plantações ficaram a maior das belezas. O coronel passou por lá, viu aquilo – e eu não gostei da cara dele. No dia seguinte me “tocou” de suas terras como quem toca um cachorro; colheu as roças para êle [...] (LOBATO, 1947).

Nesse panorama, o escritor chama atenção para as injustiças sofridas pelos trabalhadores rurais que, por não possuírem nada, são obrigados a se submeterem às vontades dos donos da terra, aos seus desmandos e a sua desconsideração. Tal qual o Jeca, Zé Brasil compartilha de algumas características, que são semelhanças evidenciadas no trecho em que as duas personagens se percebem:

- Coitado deste Jéca! Dizia Zé Brasil olhando para aquelas figuras. Tal qual eu. Tudo que êle tinha eu também tenho. A mesma opilação, a mesma maleita, a mesma miséria e até o mesmo cachorrinho. Pois não é que meu cachorro também se chama Jolí? (LOBATO, 1947).

Zé Brasil, em seu processo de autoconhecimento, percebe-se como um ser



miserável, com as mesmas doenças e mazelas, o que o fazia se perceber como um caipira, doente, com uma aparência deplorável e que até seu estilo de vida era semelhante à figura do Jeca. Nessa leitura, é possível notar que Zé Brasil parece sofrer um choque com essa percepção.

Lajolo (2006) nos chama atenção para a representação dessa personagem como uma crítica ao jovem Lobato dos textos anteriores, “Velha Praga” e “Urupês”, nos quais Lobato criticou severamente a figura do caboclo sem ter a real noção das condições pelas quais eles passavam. Em *Zé Brasil*, ele percebe o Jeca como um sem-terra, expropriado, cuja única salvação, na visão de Lobato, está no Cavaleiro da Esperança, Luís Carlos Prestes, representado, ao final do texto, com o punho fechado, o olhar direto, o rosto erguido, como um autêntico herói. Lobato defende veementemente, no decorrer do texto, a posição de Prestes como salvador do homem do campo: “Prestes! Prestes!... Por isso é que há tanta gente que morre por ele. Estou compreendendo agora. É o único homem que quer o nosso bem. O resto, eh, eh, eh! é tudo mais ou menos coronel Tatuíra [...]” (LOBATO, 1946).

Quando Monteiro Lobato nomeia sua personagem com a alcunha de Zé Brasil, ele faz a junção do nome Zé, que é a abreviação de José, nome comum e mais utilizado no Brasil, e, junto a ele, Lobato acrescenta Brasil, para referenciar uma grande parte da população brasileira. Pode ser observado aqui que a visão de Lobato sobre o caboclo mudou completamente, talvez pelo fato de ele ter amadurecido e percebido o sofrimento pelo qual passava a maior parte da população rural da época. Além disso, o autor parece ter entendido que o motivo de os caboclos não se fixarem na terra era simplesmente o fato de eles não possuírem propriedades, conforme consta da passagem a seguir:

[...] Luiz Carlos Prestes...

- Já ouvi falar. Diz que é um tal comunista que quer desgraçar o mundo, acabar com tudo...

- Quer acabar com a injustiça do mundo. Quer que em vez de um Tatuíra, dono de milhares de alqueires de terra e vivendo à custa dos que trabalham, homem prepotente que fez o que fez a você...

- Que toca a gente...

- Que toca, que manda prender e meter o chanfalho em quem resmungar, haja centenas de donos de sítios dentro de cada fazenda, vivendo sem medo de nada, na maior abundância e segurança (LOBATO, 1947).

Em seguida, no decorrer do texto, Zé Brasil toma consciência da situação social em que vive, dos donos da terra, das propostas do Partido Comunista e da ideia da divisão da terra e vê como está à margem da sociedade brasileira:

Pois é o que Prestes quer. O sonho dele é fazer que todos os que trabalham na terra sejam donos de um sítio de bom tamanho, onde vivam felizes, plantando muitas árvores, melhorando as benfeitorias. E todos vivendo sossegados, sem receio de que um Tatuíra os toque e fique com tudo. É só isso o que Prestes e seus companheiros querem.

Mas por que então esse homem é tão guerreado?

Justamente por isso. Quem é que o guerreia?

Os que trabalham na roça, como você? Os que sofrem a injustiça do mundo, como você?

Os que nas cidades ganham a vida nos ofícios

ou como operários de fábricas? Os que produzem tudo quanto existe no mundo?

Não. Os que combatem Prestes e as ideias de Prestes não são os que trabalham e sim os

que vivem à custa do trabalho dos outros.

Como aqui o coronel Tatuíra.... Exatamente.

São os Tatuíras que tomaram conta do mundo e como para eles está tudo bem, não

querem mudança nenhuma (LOBATO, 1947).

Zé Brasil, o último texto de Monteiro Lobato – haja vista que ele faleceria no ano seguinte, 1947, possui uma linguagem simples e, ao que parece, direcionada ao público ruralista.



Constatamos, ainda, que há uma denúncia contundente contra as condições sociais responsáveis pela miséria e a falta de ânimo dos trabalhadores rurais. Vemos assim que suposta preguiça não passa de uma certa desesperança que os dominava, simplesmente, por eles não serem detentores de sua propriedade.

Sobre isso, Antonio Candido (apud BERLATO, 2011) afirma que a preguiça com que qualificamos o caipira, simplesmente, é uma forma de vida própria, pois o referido personagem sobrevive da caça e da pesca, inclusive como uma forma de lazer. Esse lazer se quebra no momento em que o caipira, essa personagem tão peculiar, tem sua forma de vida rompida com sua saída da área de vivência, justamente por não ser proprietário de terras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois primeiros textos analisados possuem em comum uma visão pejorativa da vida do caboclo, aquele ser que não é capaz de competir em força nem em beleza com os seres idealizados por José de Alencar. São representações que se aproximam de pessoas reais, com vermes, pés rachados e incapazes, vivendo à margem da civilização. A personagem de Jeca Tatu representa toda a miséria e atraso econômico do país daquela época, além do descaso do governo em relação ao Brasil rural.

Como vimos, Jeca Tatu foi caracterizado por Monteiro Lobato como um homem desleixado em sua aparência, sua saúde, sua higiene pessoal e em suas atitudes nada sustentáveis e respeitadas para com o meio ambiente. Podemos observar, assim, que, apesar de a descrição ser bastante próxima da realidade, a visão era equivocada, pois Monteiro Lobato ainda não havia conseguido apreender ali porque aqueles seres humanos se apresentavam assim.

Já em *Zé Brasil*, Lobato apresenta a questão de outro ponto de vista, condizente

com o momento histórico no qual foi produzido, em que o homem do campo é explorado pelos donos das terras. Assim, ele coloca na obra experiências, impressões e percepções dos problemas brasileiros que ele pode apreender ao longo de sua trajetória. No texto, Lobato destaca as injustiças advindas da exploração do trabalho do homem do campo, trabalhando como agregado na propriedade alheia. Essas injustiças são caracterizadas pelo despejo sumário e pela exploração pura e simples dos resultados do trabalho árduo desses homens, sem direitos à propriedade. Trata-se de uma situação exposta, com toda sua cruzeza, pela voz de Zé Brasil.

Tal como Jeca Tatu, Zé Brasil é um homem subnutrido, descalço, comido pela verminose e é a figura do caipira que ressurgue na obra de Lobato, já descrita em “Velha Praga” e “Urupês”. No próprio texto, o autor faz alusão a essa proximidade entre as duas personagens criadas por ele. No entanto, Zé Brasil vai tomando consciência de sua existência, bem como das injustiças sofridas por ele pelos coronéis Tatuíras, quando então ele começa a perceber que também pode ter direito ao seu pedaço de terra.

Podemos ver pela análise que essa transformação da figura do caboclo, do Jeca Tatu ao Zé Brasil, aponta para as transformações do pensamento de Lobato. No entanto, ainda que tenha apresentado essas mudanças em seus textos, Lobato apresenta aos camponeses a figura de Luiz Carlos Prestes como uma espécie de salvador, reforçando, assim, a ideia de que o homem do campo seria incapaz de reagir sozinho ou a partir de sua própria organização como grupo.

Por fim, é importante ressaltar, levando em consideração as críticas que muitos estudiosos fazem às limitações e possíveis preconceitos presentes na obra de Monteiro Lobato, a importância do autor na formação de leitores, como editor, inclusive de escritores



modernistas e com um pensamento sempre em movimento e mudança, confirmando a contemporaneidade e a importância desse escritor e polemista.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia**. São Paulo: SENAC, 1997.

BERLATO, Fabia. **O Caipira com Antonio Candido**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zm3Pz8qxqNA>. Acesso em: 05 nov. 2019.

LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida**. São Paulo: Salamandra, 2006.

LOBATO, José Bento Monteiro. **Jeca Tatuzinho**. Disponível em: <http://historianovest.blogspot.com/2010/11/monteiro-lobato-jeca-tatuzinho.html>. Acesso em: 13 nov. 2019.

LOBATO, José Bento Monteiro. **Zé Brasil**. disponível em: <http://www.monteirolobato.com/busca.php?busca=ze+brasil>. Acesso em: 23 out 2019.

LOBATO, José Bento Monteiro. **Zé Brasil**. Editorial Vitória, Rio de Janeiro, 1947.

LOBATO, Monteiro. **Contos completos**. 1ª ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.il.

MATA, Anderson L. N. da. Representação e responsabilidade na narrativa brasileira contemporânea. IN: DALCASTAGNÈ, Regina; THOMAZ, Paulo C. (Orgs.). **Pelas margens representação na narrativa contemporânea**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2011, p. 15-39.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura brasileira através dos textos**. 29ª ed. Rev. e ampliada. São Paulo: Cultrix, 2012.

MONTEIRO LOBATO. In: **Domínio Público**. 1946. Disponível em: <http://www.monteirolobato.com/miscelania/ze-brasil>. Acesso em: 23 nov. 2019.

MONTEIRO LOBATO. **Jeca Tatuzinho**. Disponível em: <http://www.monteirolobato.com/miscelania/jeca-tatuzinho/historia>. Acesso em: 24. nov. 2019.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. **Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto**. 2ª ed. São Paulo: Globo, 2011.

RONCARI, Luiz. **Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos**. São Paulo: EdUSP, 2002 (Didática, 2).

ZÖLER, Zöler. **Lobato letrador**. Brasília: Transpolim, 2019. 2.v.il.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

SOUZA, M. N. O caipira representado em Jeca Tatu e Zé Brasil: O caipira representado em Jeca Tatu e Zé Brasil. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, v. 7, n. 2, p. 6-15, 2020.